

NOVOS AMBIENTES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Alan Marx Francisco
Antonio Sanches Valera Neto

RESUMO

O ensino de filosofia encontra inúmeras dificuldades, tanto pela sua estrutura mais abstrata quanto pela sua linguagem própria; nosso projeto fundamenta-se na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari investigando assim um meio alternativo às metodologias de ensinos atuais. As mídias eletrônicas foram escolhidas como campo para desenvolvimento do nosso trabalho, em específico através do jogo *Filosofighters* no qual oito filósofos de diferentes períodos históricos duelam entre si, a proposta é trabalhar através dos golpes de cada filósofo seus conceitos. O trabalho contou com a participação dos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Barão do Rio Branco que apresentaram significantes resultados de fixação e interesse no conteúdo. Considerando que a filosofia é a arte de formar, de inventar e fabricar conceitos; o jogo possibilita condições favoráveis para que entre amigos em uma situação diversificada do contexto de sala e de certa rivalidade os alunos formulem conceitos, ou seja, faça aquilo que é próprio do fazer filosófico. Palavras-chave: Jogos, Ensino de Filosofia e conceito

INTRODUÇÃO

Gilles Deleuze (1925–1995) e Félix Guattari (1930–1992) não são especialmente filósofos da educação e em geral seus textos não estão diretamente voltados a esse importante tema, porém suas contribuições inovadoras no campo da filosofia propriamente dito nos dão margem para uma possível interpretação de seu conteúdo, à luz da filosofia da educação, devido a engenhosidade em buscar algo próprio da filosofia, que ao mesmo tempo abraçasse a multiplicidade de pensamentos que garantisse ao indivíduo o protagonismo. Deleuze e Guattari dão de presente para a filosofia da educação um campo fértil de possibilidades e experiências para buscar o fazer e o pensar filosófico no âmbito escolar.

O presente trabalho é uma tentativa de buscar essas experiências, com base nos pensamentos desses filósofos, um ambiente, dentro das novas possibilidades de metodologias de ensino, propicio a esse pensar e fazer filosófico. O trabalho busca uma interpretação da filosofia de Deleuze e Guattari através dos estudos desenvolvidos pelo professor de filosofia da educação Sílvio Gallo(1963-). A discussão parte das ideias apresentadas na última obra de Deleuze e Guattari, intitulada como “*O que é a Filosofia?*”, se estendendo a outras obras e conceitos mais específicos do pensamento dos autores, em paralelo com a contribuição de Sílvio Gallo, e seguida pelo relato da experiência ocorrida no *Colégio Estadual Barão do Rio Branco*, com a aplicação de uma nova metodologia de ensino possível ao pensar e fazer filosóficos.



1. O QUE É A FILOSOFIA?

Em seu último livro publicado, Deleuze em companhia com Guattari se dispõe a responder essa questão, buscando aquilo que consideram, já tardiamente, uma definição do que vieram a fazer a vida toda. A resposta vem já no primeiro capítulo do livro “A filosofia é a arte de formar, de inventar de fabricar conceitos” (Deleuze, G.; Guattari, F. *O que é a Filosofia*. p.13.)

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos [...] Criar conceitos sempre novos, é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência [...] Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos? (Deleuze, G.; Guattari, F. *O que é a Filosofia*. p.13.)

Distante da filosofia de Deleuze e Guattari essa resposta, mesmo que aparentemente simples, não vem vazia de conteúdo e merece certa disposição por parte do leitor para entender melhor o que se pretende dizer com isso. Para tanto, a resposta não termina assim, pois ambos os filósofos nos apresentam que esses conceitos não estão sozinhos, e para que possam existir é necessário coexistir um personagem conceitual e traçar um plano de imanência. Só então se pode definir o que é a filosofia. É necessário ter em mente que a definição de filosofia depende da coexistência entre personagem conceitual, plano de imanência e criação de conceitos. Dessa forma ela se apresenta como resposta voltada, não para o campo da educação, mas sim para o campo próprio da filosofia, e de fato podemos pensar desse modo. Entretanto, como aponta Sílvio Gallo:

Parece-me que não apenas àqueles que se puseram a pensar e a escrever sobre educação têm algo a dizer aos educadores; ousadamente, diria que talvez aqueles que não explicitamente se debruçaram sobre a problemática educacional tenham mais a dizer aos educadores do que podemos imaginar. (Gallo, S. *Deleuze e a Educação*. P.3)

As inovações apresentadas por Deleuze e Guattari quando estes se preocupam em definir a filosofia nos possibilitam a imersão dessas inovações a fim de propor no campo da educação caminhos possíveis para se pensar uma nova forma de atuação.

A filosofia para ambos os filósofos se difere de uma espécie de contemplação filosófica que se apresenta passiva frente ao mundo, tal como a proposta platônica para a filosofia, aquela a qual contempla as ideias e o abstrato. Não é também a diferenciação feita por Aristóteles de uma vida ativa como sendo a vida política e a vida filosófica como contemplação, se divergindo assim, da filosofia incipiente dos gregos. Deleuze e Guattari estão propondo uma filosofia que cria conceitos e esse criar é necessariamente agir no mundo e atuar nele, ao ponto de, através da criação de



conceitos, ser permitido ao filósofo criar um mundo a sua maneira, necessariamente, atuando e agindo nele.

A filosofia não é contemplação muito menos reflexão ou comunicação, uma vez que essas três características pertencem também a outras áreas do conhecimento, como na matemática, que faz uso da reflexão dos problemas matemáticos e também da comunicação. A preocupação de Deleuze e Guattari está em buscar algo próprio e único da filosofia. E essa singularidade é a criação de conceitos. Assim, de início, nos atemos em compreender o que é o conceito.

1.1. Conceito

Deleuze e Guattari buscam a definição de conceito, ou melhor, conceituar o próprio conceito. Neste passo, apresentam algumas características que em muito divergem da ideia de conceito que temos corriqueiramente como sendo a definição de algo ou ideia sobre alguma coisa. O conceito para os autores apresenta as seguintes particularidades:

1º o conceito é exposto através de uma linguagem que possui sua significação bem peculiar, obedecendo aos requisitos do pensamento de ambos os autores. Onde o *movimento* do conceito é exaltado como pensar filosoficamente, que por sua vez, possui uma incontável força diante ao fluxo da realidade. Configurando-se assim, a imagética do *devenir* como uma máxima do conceito em si, e, da linguagem deleuzeana.

2º o conceito é assinado, próprio de cada filósofo, que para tanto atribui à linguagem uma semântica própria para tal tarefa;

3º o conceito é múltiplo, isto é, um conceito não é sozinho, ele próprio se refere a outros conceitos que se referem a outros conceitos, e assim por diante, daí o fato dele ser múltiplo não se esvazia dele uma aparente totalidade, melhor dizendo ele é um todo fragmentado;

4º o conceito é criado a partir de problemas, ele é provocado, não vindo a nascer do nada, ele é criado para solucionar esse problema;

5º o conceito é histórico; ele perpassa um contexto histórico independente do contexto que está inserido, porém, ele não é linear, pois ele age como um ziguezague, indo e voltando no *devenir* histórico;

6º o conceito é relativo e absoluto ao mesmo tempo, ele é relativo quanto ao seu contexto e quanto à necessidade de haver nele outros conceitos, porém, é absoluto quanto ao problema que se propõe a responder;

Os conceitos nada mais são do que heterogêneses, sendo ordenados por zonas de vizinhança, que permitem uma visão de mundo possível; assim explica Sílvia Gallo:

O conceito não é uma “entidade metafísica”, ou um “operador lógico”, ou uma “representação mental”. O conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que é inventado, criado, produzido, a partir das condições dadas e que opera no âmbito mesmo destas condições (Ibidem. p.21).



O conceito possibilita o pensar e o pensar possibilita o conceito, resultando em uma visão de mundo que não foge dos acontecimentos que propiciam o conceito. Porém para melhor entender os conceitos passamos a entender melhor o plano de imanência e qual sua relação com o conceito.

1.2. Plano de Imanência

O plano de imanência é o trabalho filosófico, é campo de atuação dos conceitos, é o plano de instauração do conceito, onde este nasce; e pode ser entendido como sendo o local onde o conceito atua, relacionando-se com o problema, o contexto histórico e suas outras características. Ele é necessariamente a condição pela qual propicia a existência da filosofia, podendo ser entendido, portanto, como pré-filosófico; porém, eles não estão separados, pois quando se cria um conceito, imediatamente se tem com ele um plano de imanência novo ou já existente, e da relação comum a ambos se extrai a filosofia. Assim melhor explica Sílvio Gallo:

Dizer que o plano de imanência é pré-filosófico não significa, porém, que ele seja anterior à filosofia, mas que ele é uma condição interna e necessária para que a filosofia exista. Logo, plano de imanência e conceito surgem juntos, um implicando necessariamente o outro: “A filosofia é, ao mesmo tempo, criação de conceito e instauração do plano. O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é sua instauração.” O início da filosofia é a criação de conceitos (filogeneticamente - história da filosofia, e ontogeneticamente - aparecimento de cada filósofo singular), mas no próprio momento em que se criam os conceitos há a instauração de um plano de imanência que, a rigor, é a instauração da própria filosofia, pois se assim não fosse os conceitos criados ficariam perdidos no vazio. (Ibidem. p. 22)

O plano de imanência pode ser criado pelos filósofos ou estes podem atuar dentro de planos já existentes, como é o exemplo de neokantianos ou neoplatônicos. É possível admitir múltiplos planos, pois podem existir diferentes trabalhos filosóficos. Isso se dá em razão de que no mundo há a existência de um caos, sendo esse caos definido como a multiplicidade de possibilidades.

O plano de imanência toma do caos determinações, com as quais faz seus movimentos infinitos ou seus traços diagramáticos. Pode-se, deve-se então supor uma multiplicidade de planos, já que nenhum abraçaria todo o caos sem nele recair, e que todos retêm apenas movimentos que se deixam dobrar juntos [...] Cada plano opera uma seleção do que cabe de direito ao pensamento, mas é essa seleção que varia de um para outro. Cada plano de imanência é Uno-Todo: não é parcial, como um conjunto científico, nem fragmentário, como os conceitos, mas distributivo, é um ‘cada um’. O plano de imanência é folhado. (Deleuze, G.; Guattari, F. *O que é a filosofia?*. p. 68)



1.3. Personagem conceitual

O personagem conceitual de Deleuze e Guattari nada mais é do que o operador do plano de imanência. É o sujeito pelo qual se dispõe o filósofo a expor e estruturar seu plano de imanência, o que pode aparecer de forma clara em alguns filósofos como Platão, que tem como personagem conceitual Sócrates, ou em Nietzsche, com seus personagens como Zarathustra ou o Anti-Cristo. Assim explica Sílvio Gallo:

Esses personagens conceituais “operam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, e intervêm na própria criação de seus conceitos”. É o personagem conceitual, o heterônimo, portanto, que acaba sendo o sujeito da filosofia, é ele quem manifesta “os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento” (Gallo, S. p. 25).

É importante entender que a filosofia para Deleuze e Guattari é a junção desses três aspectos: inventar o personagem conceitual, traçar um plano de imanência e criar conceitos. É relevante ressaltar que dessa filosofia nasce a multiplicidade do pensamento e uma gama de conhecimentos que não estão no mundo para ser postas como verdades absolutas, mas estão para atuarem dentro do seu campo de interesse e possibilidade.

2. EXPERIÊNCIA E O NOVO AMBIENTE PARA O ENSINO DA FILOSOFIA

É importante darmos atenção que, para Deleuze, e todo esse “movimento”, ou esse fazer filosófico, que está atrelado à criação de conceito dentro de um plano de imanência por um personagem conceitual, demanda tempo, e não é um exercício fácil, como se de um dia para o outro alguém decida ser filósofo e comece a criar conceitos. Isso pode demandar quase toda uma vida, entretanto nesse caso, cabe a nós enquanto Professores a tentativa amenizar essa demanda de tempo, sendo possível entender que uma das principais funções do Professor é propiciar ao aluno o acesso a essa multiplicidade do pensar, aproximando do aluno os conceitos e, por consequência, os planos de imanência e seus personagens conceituais. Pois como notamos na filosofia de Deleuze e Guattari é da multiplicidade do pensar que se pode extrair um novo pensar, uma singularidade.

Nesse sentido a apreensão de conceitos não deve se ater ao foco de compreendê-los no sentido que esvaziar dele a possibilidade de discussão, ou em uma prerrogativa de universalização do mesmo, o que é, de certo modo, absurdo pela própria característica da filosofia que possibilita a multiplicidade de pensamentos e não tem a pretensão de ser uma verdade absoluta. O modo pelo qual se busca o conhecimento, no pensamento de Deleuze e Guattari, não pode ser visto também como uma massiva apresentação de conceitos, como se fosse papel do Professor empurrar ao aluno a maior quantidade possível de conceitos. O conhecimento está na percepção dessa multiplicidade e não na apreensão de todos os conceitos possíveis.

A experiência proposta no trabalho feito com o jogo *Filosofighters* está em buscar no âmbito escolar, dentro de novas ferramentas metodológicas um ambiente que



possibilite compreender a multiplicidade de pensamento, ao mesmo tempo em que facilita buscar um interesse do aluno pela disciplina. Buscamos, então, nas mídias digitais, o jogo *Filosofighters*, no qual nove filósofos de diferentes períodos históricos duelam entre si, onde seus ataques são referentes a um conceito exposto por seu pensamento. Após explicarmos seus contextos históricos e os problemas dos quais cada filósofo se propõe a trabalhar, foi sugerido aos alunos, divididos em nove grupos, cada qual com seu próprio filósofo, que através do jogo duelassem entre si. O meio alternativo da mídia digital do jogo possibilitou que notássemos nos alunos um apreço ou aproximação dos personagens e de seus conceitos, por ora, tidos como golpes. Dada a rivalidade do duelo, foi também exigido aos alunos que respondessem algumas questões formuladas como requisitos para classificação nos duelos.

CONCLUSÃO

Foi possível notar que, com o desenvolvimento da experiência junto com o novo ambiente das mídias digitais, na proposta do jogo criou-se entre os alunos certo interesse pelos filósofos e seus golpes (conceitos), o que acaba facilitando a introdução do conteúdo, ou melhor, a própria apresentação do filósofo e seus conceitos. Como foram nove os filósofos apresentados no jogo, tornou-se evidente a possibilidade de se trabalhar a multiplicidade do pensamento em seu todo e a singularidade de cada filósofo como. Por exemplo: Platão com seus golpes do homem ideal e da caverna, Karl Marx com os operários unidos e a foice e o martelo, entre outros; são diferentes conceitos, diferentes planos de imanência e diferentes personagens conceituais que exemplificam cada modo de pensar e ver o mundo.

No que diz respeito à criação de conceito pelo aluno, é possível interpretar que o próprio Deleuze afasta essa possibilidade, pois para se chegar a uma singularidade, não é algo fácil e demanda tempo. Como foi explicado acima, no entanto, para a educação pensada no âmbito escolar não estamos exigindo uma originalidade (criação de conceitos) tanto quanto a filosofia necessita para ser reconhecida. Considerando que Deleuze e Guattari não tem em seu escopo uma filosofia da educação. Mas como Professores, temos que assumir essa postura autêntica que esta presente na obra *O que é a filosofia?* E ensinar o pensar filosoficamente, a relevância do conceito para tal. Despertar o aluno a existência multiplicidade, sua descoberta do seu próprio plano de imanência, nesse sentido, em buscar aproximação dos alunos desse múltiplo pensar. Que atribuir o uso da mídia eletrônica na forma do jogo é uma ferramenta possível a se buscar a compreensão da filosofia como gênese do conceito.

BIBLIOGRAFIA

Deleuze, G./ Guattari, F. – *O que é a filosofia?* 2º ed.; Editora 34 Ltda, São Paulo, 2007.

Sílvio Gallo – *Deleuze e a educação*. extraído de:
http://www.ufjf.br/grupar/files/2014/09/deleuze_e_a_educacao_parte_um.pdf



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Japiassú, H./ Marcondes, D. *Dicionário Básico de Filosofia*, 3ª edição; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2008.

Morente, Manuel García. *Lições preliminares de Filosofia*. 8ª ed.; Mestre Jou, São Paulo, 1980.